

## LEITURA E TECNOLOGIAS: Modos de Produzir, Modos de Ler

Angela Guida (docente literatura/UFMS)

**RESUMO:** Este ensaio se propõe discutir a relação do fazer literário com as tecnologias. Pensar de que forma a literatura pode usar, a seu favor, os suportes vários que, a cada dia, aparecem no mercado, em especial o suporte maquínico, sem perder o literário do fazer poético e sem perder de vista que toda produção literária é engendrada tendo como finalidade o encontro com um público leitor, logo, parece necessário um questionamento em torno dos modos de produzir, bem como dos modos de se ler uma obra.

**Palavras-chave:** Leitura; literatura; tecnologias.

Nunca lhe aconteceu *ler levantando a cabeça?*

Roland Barthes

Apesar de as chamadas “novas tecnologias” não fazer mais tão jus assim a esse epíteto de “novas”, uma vez que já vai para bem mais de uma década que somos confrontados, num tempo sobremaneira curto, com novidades tecnológicas de toda ordem, ainda assim, parece haver um receio de que a máquina possa usurpar o lugar do humano em âmbitos diversos. No artigo “Literatura e espaço digital: diálogos poéticos<sup>1</sup>”, argumentamos acerca desse temor “maquínico”, sobretudo no que diz respeito ao futuro do livro publicado no suporte de papel, que alguns, tomados até por certa nostalgia, acreditam que será extinto em detrimento dos livros eletrônicos ou dos *e-books*, para usar a denominação mais adequada ao ambiente de produção digital.

Muito bem, quiçá, seja pensando nesse público cético, com relação ao destino do livro impresso, que Umberto Eco e Jean-Claude Carrière engendraram a obra – *Não contem com o fim do livro*. Em tom de conversa informal, numa entrevista concedida ao jornalista, Jean-Philippe de Tonnac, os dois autores discutem o “futuro” do livro, desde os papiros e pergaminhos até os livros eletrônicos e, por conseguinte, acabam por discutir o “futuro” da leitura. E, como já era esperado, Umberto Eco e Jean-Claude Carrière não vislumbram, nas produções livrescas eletrônicas, um prelúdio para o desaparecimento do livro impresso. Jean-Claude Carrière lembra, inclusive, que na conferência de Davos, em 2008, um futurólogo teria vaticinado, entre outras previsões, a extinção do livro.

Jean-Philippe de Tonnac: com o aprimoramento de novos suportes cada vez mais bem adaptados às exigências e ao conforto de uma leitura em qualquer

---

<sup>1</sup> O artigo mencionado foi publicado na revista *O eixo e a roda*, uma publicação do programa de Pós-Graduação da UFMG.

lugar, seja a das enciclopédias ou dos romances on-line, por que não imaginar, apesar de tudo, um lento desinteresse pelo objeto livro sob sua forma tradicional?

Umberto Eco: Tudo pode acontecer. Amanhã, os livros podem vir a interessar apenas a um punhado de irredutíveis que irão saciar sua curiosidade nostálgica em museus e bibliotecas.

Jean-Claude Carrière: Se ainda existirem.

Umberto Eco: Mas também é possível imaginar que a formidável invenção que é a internet venha a desaparecer por sua vez, no futuro. Exatamente como os dirigíveis abandonaram nossos céus (ECO e CARRIÈRE, 2010, p. 18).

O pesquisador Antônio Risério destaca a relevância de se pensar no computador tão só como mais um elemento disponível e a favor da criação literária, logo, sem motivos para pânico ou temores de que a criatividade seja solapada pelo instrumento maquínico, como creem alguns. Argumenta Risério:

Não se trata de criar como um computador, mas de criar com. De colocar o computador a serviço da produção poética. De servir-se de seus programas para inscrever signos. E isso nada tem a ver, necessariamente, com maquiolatria, tecnolatria ou cienciolatria. Ao contrário, trata-se de “conectar” as novas tecnologias sígnicas com o cerne mesmo da humanidade (1998, p. 203, grifos do autor).

Quer seja em meio a opiniões ora céticas, quer seja em meio a opiniões ora otimistas acerca do “futuro” do livro impresso, o que parece ficar bastante evidente é o olhar arreado com o qual o humano, desde tempos remotos, enxerga tudo aquilo que ainda não foi validado pela tradição<sup>2</sup>, bem como a dificuldade de aceitar que o surgimento de algo novo não implica necessariamente destruição do que já existe. É perfeitamente possível que haja o diálogo entre modos de produção e de leitura de textos literários que sejam divergentes do que habitualmente a tradição acostudou a considerar como o mais, quiçá, correto. A professora e pesquisadora Beatriz Resende (2008) lembra que as rupturas com suportes existem já faz algum tempo e, nem por isso, um suporte suprimiu a existência do outro, em nome da aparente novidade. Por exemplo, nas artes plásticas, a tela não é o único suporte para o artista, bem como o palco e o prédio/teatro (casa de espetáculos) não o são para atores e dramaturgos. O que, talvez, ainda parece não ter ficado bem claro é que mudança de suporte implica mudança de linguagem, logo, implica mudança de olhar e, por conseguinte, convoca o leitor a se abrir para novas possibilidades de leitura dos livros e de tudo aquilo que se

<sup>2</sup> O filósofo Pierre Lévy (1999) argumenta que o cinema, por exemplo, quando surgiu, não foi bem recebido pelos intelectuais, que o viam como uma espécie de ameaça à cultura da época. No entanto hoje, pouco mais de um século depois, parece não haver qualquer dúvida de que a Sétima Arte também se dá como uma manifestação cultural de reconhecido valor acadêmico.

encontra ao redor do homem. Está mais que na hora de reafirmar que a leitura pode se dar de muitas maneiras. O livro no suporte de papel é só mais uma entre as tantas formas de exercitar o ato de leitura.

Quando se trata do suporte maquínico, em especial, o computador, parece não haver mais dúvidas de que estamos diante de um “saber internético”, um saber que, na leitura do professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Alkmar Luiz dos Santos:

deve ser capaz de gerar diferentes velocidades e sincronias, a partir de diversas pessoas envolvidas e apostando, sobretudo, numa atitude em que são os instrumentos informáticos que se põem a nossa disposição e não nós que nos colocamos à disposição deles” (SANTOS, Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/hiper/saber.html>).

No entanto, fica uma questão: de que maneira esse saber se dá na relação leitor/leitura<sup>3</sup>? Decerto, somos levados a crer que há reconfigurações do leitor diante de um texto engendrado no meio digital. Um suporte diferente pede um leitor diferente. Se concordamos que o leitor tem seu perfil alterado, reconfigurado, então, surge uma outra questão. Quais seriam as reconfigurações do novo leitor do *ciberespaço*? Aliás, a pergunta deve ser mais pontual: quais seriam as implicações de tais reconfigurações desse novo leitor? O professor Alkmar Luiz dos Santos, um pesquisador do diálogo entre literatura e novas tecnologias, traça uma espécie de perfil desse novo leitor diante de um novo modo de produção poética (insistimos na repetição do vocábulo “novo”, ainda que fira as normas da boa redação, com o propósito de reiterar que se há um novo espaço, não há dúvidas de que o leitor também passa pelo crivo do novo).

Alkmar compara a leitura e a escrita, no meio digital, a um ato de teatralização, que ocorre em espaços múltiplos. No entanto, o professor esclarece que a “encenação” vislumbrada na leitura que se dá nesse novo espaço, não é a mesma que ocorre, por exemplo, quando lemos determinadas obras publicadas no suporte de papel. O que é

---

<sup>3</sup> Antônio Risério (1998) afirma que a relação leitor/leitura, com o computador, permite mais liberdade. Para Risério, nós leitores, encontramos-nos diante de uma variedade, sem fim, para redesenharmos os textos que já se consagraram em um determinado suporte e gênero. Lembra que podemos, por exemplo, colocar em prosa as *Cartas Chilenas* ou dispor em versos *Grande sertão: veredas*. O poeta português, Rui Torres, por exemplo, versificou o conhecido conto “Amor”, de Clarice Lispector. No texto de Rui Torres, temos o poema hipermédia “Amor de Clarice”.

bastante pertinente, pois se mudam os suportes, insistimos, mudam-se as leituras. Melhor: as formas de leituras.

No caso do meio digital, ao contrário, trata-se de uma pluralidade espacial concreta: enquanto percorremos os objetos de uma dada tela, enquanto vamos atuando com os comandos via teclado e interagindo através do cursor – por meio de ações que nos são exibidas ou exigidas –, estamos também interferindo em outras instâncias, atuando em outras camadas de programação, direta e indiretamente.

(...)

Em outras palavras, no meio digital, o leitor é chamado a habitar distintos espaços de significação simultânea e não simultaneamente (SANTOS, 2008, p. 1).

Para Beatriz Resende (2008), essa nova “literatura sem papel”, i.e. esta literatura postada, em especial, nos blogs de literatura, também se dá como possibilidade de reconfiguração até de um outro tipo de leitor: o escritor na condição de um crítico literário, pois os autores, segundo Beatriz, acabam por ler os textos uns dos outros e registram os comentários acerca de tais leituras, exercendo, desse modo, um exercício crítico. “A crítica literária não pode mais ignorar o fenômeno, mesmo porque os próprios autores passam a exercer o papel de críticos, comentando uns aos outros” (RESENDE, 2008, 136). A Autora ainda observa o trânsito que há entre os dois suportes: o de papel e o digital, uma vez que há escritores que começam suas produções literárias no espaço digital e depois “migram” para o espaço de papel, bem como aqueles que começam no espaço de papel e “migram” para o suporte digital, como, por exemplo, as autoras Maira Parula e Ana Paula Maia.

Maira Parula e Ana Paula Maia são duas escritoras contemporâneas, que, inevitavelmente, já se movem dentro de um espaço e tempos distintos e, sem dúvida, compreenderam que a relação, não só do leitor com o ciberespaço, mas também do produtor de textos, alterou-se consideravelmente. A reconfiguração tanto no plano da recepção, quanto no plano da produção já é uma realidade e não deve ser ignorada. Sobre a “migração” de que fala Beatriz Resende, as duas escritoras em questão ilustram bem esse quadro. Maira Parula migrou do livro impresso para os textos eletrônicos, disponibilizados em seu site “Prosa poética” e Ana Paula Maia migrou do espaço eletrônico para as prateleiras das grandes livrarias “físicas.” Será o leitor e/ou leitura dessas obras o mesmo? Melhor: o leitor estará lendo a mesma obra? No caso de Ana Paula Maia, por exemplo, que, de início, postou integralmente a novela *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* e, em 2009, foi publicada, no suporte de papel, por um

grande grupo do mercado editorial impresso, é um bom exemplo para se questionar se o leitor da referida novela leu o mesmo texto. Sendo mais pontual: o leitor que leu a “versão” digital de *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, leu a mesma obra na “versão” impressa? Sabe-se que o texto foi publicado na íntegra, no entanto, não podemos afirmar que a relação do leitor com esse texto seja a mesma, afinal, até sua postura física diante do texto, acreditamos, sofreu alteração.

Pierre Lévy argumenta que o leitor em tela é mais participativo que o leitor em papel. Entretanto, em que medida tal assertiva é legítima? Será mesmo que o leitor em papel é menos ativo que o leitor em tela? E caso o seja, em que medida se dá esse maior ou menor grau de participação do leitor? Quando escrevemos os textos que lemos ou “levantamos a cabeça”, também não estamos sendo ativos? No ensaio – “Escrever a leitura” – Barthes foi demasiado feliz ao usar a expressão “levantar a cabeça”, a fim de denominar esse gesto tão frequente diante de obras que nos tomam e nos impulsionam a constantes suspensões da leitura. No entanto, adverte o crítico, tais suspensões de leitura não ocorrem por falta de interesse pelo livro em questão ou algo semelhante, mas, porque tais leituras despertam “afluxo de ideias, excitações, associações”. Assim, Barthes nos lança o questionamento: “Nunca lhe aconteceu *ler levantando a cabeça*” (1988, p. 40, grifos do autor)? Esse movimento não poderia representar o leitor em ação? Se há diferenças, em que medida elas se dão com um leitor que “levanta a cabeça”? Quais temporalidades se manifestam na experiência de leitura desses dois leitores em espaços distintos? Talvez, fosse melhor, então, dizer que o leitor em tela parece ser mais interativo que o leitor do suporte impresso, uma interatividade que é inerente ao próprio suporte, como observa Alkmar Luiz dos Santos:

No caso das obras em meio digital e de seus leitores, devemos pensar em um engajamento corporal que se faz por intermediários evidentes, ou seja, interfaces e extensões (*mouse*, teclado, tela sensível ao toque etc.) que somos levados a tocar sem entrar nelas, a, paradoxalmente, habitá-las de fora (SANTOS, 2008, 1).

Pensando também nesse novo perfil do leitor do *ciberespaço*, a semioticista Lúcia Santaella trabalha com a categoria de leitor imersivo, em contraposição ao leitor contemplativo e ao leitor movente. No entanto, Santaella não deixa de observar que as diferenças claramente perceptíveis entre os vários tipos de leitores não são excludentes, pelo contrário, os leitores se complementam. O surgimento de um novo tipo de leitor não conduz ao desaparecimento do outro. Compreender isso, quiçá, seja a grande

questão. Um navegador, por exemplo, é um leitor, um tipo particular de leitor: o imersivo: “aquele que navega através de fluxos informacionais voláteis, líquidos e híbridos – sonoros, visuais e textuais – que são próprios da hipermídia” (SANTAELLA, 2005. p. 11).

Somos herdeiros de uma tradição metafísica ocidental que se acostumou, no decurso da história, a pensar por pares opostos. Um pensamento binarista, redutor e excludente: ou é isso ou é aquilo, que, decerto, tem trazido prejuízos de toda ordem para o saber e para o conhecimento. Não há dúvida de que, se mantivermos esse binarismo, as produções literárias engendradas no *ciberespaço* serão sempre vistas como oposição àquelas que são engendradas no suporte de papel e tal leitura representa uma perda, uma vez que facilmente seremos conduzidos ao discurso valorativo. Como bem argumenta Santaella, cada época produziu um tipo de leitor, em virtude do instrumental que havia à disposição de produtores e receptores:

O leitor contemplativo, meditativo da idade pré-industrial, o leitor da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa. Esse tipo de leitor nasce no Renascimento e perdura hegemonicamente até meados do século XIX. O segundo é o leitor do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido, de misturas sógnicas, um leitor que é o filho da revolução industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos: o homem na multidão. Esse leitor que, nasce com a explosão do jornal e com o universo reprodutivo da fotografia e cinema, atravessa não só a era industrial, mas também suas características básicas quando se dá o advento da revolução eletrônica, era do apogeu da televisão. O terceiro tipo de leitor é aquele que começa a emergir nos novos espaços incorpóreos da virtualidade.

Embora haja uma sequencialidade histórica no aparecimento de cada um desses tipos de leitores, isso não significa que um exclui o outro, que o aparecimento de um tipo de leitor leva ao desaparecimento do tipo anterior (SANTAELLA, 2005, p. 9-10).

Conforme se pode observar, o fato de cada época produzir leitores e produtores de textos distintos, não significa invalidação do monumento literário. No clássico – *Como um romance* – o escritor Daniel Pennac observa que o verbo ler é profundamente refratário ao modo imperativo e, a partir de semelhante constatação, o autor engendra um poético texto, em que tenta encontrar as razões por que se perdeu tanto o interesse pela leitura, uma vez que toda criança se sente completamente atraída pela leitura: primeiro as que são feitas para ela e depois aquelas que ela mesma consegue engendrar. No entanto, em algum momento, esse interesse de outrora se esvai. Há os que atribuem a culpa por tal desinteresse à televisão, aos *games* e aos computadores. No entanto, Pennac aponta uma possível razão por demais simples. Tão simples, que nos descuidamos dela e, depois, não conseguimos encontrar explicação que justifique a falta

de interesse pelo livro. O prazer sai pela porta e o interesse, pela janela e eis que entra em cena o verbo no modo imperativo e se perde a gratuidade do ato de ler: “Sejamos justos. Nós não havíamos pensado, logo no começo, em impor a ele a leitura como deve. Havíamos pensado, a princípio, apenas no seu prazer” (PENNAC, 1993, p. 17).

Mas, por que razão, convocamos Daniel Pennac para este diálogo que se propôs discutir a relação da leitura com as novas tecnologias? Ora, é muito simples: independente do suporte que abrigue um texto – papel ou digital – o que não se deve perder de vista é o prazer por esse texto, o prazer *pela e na* leitura. Não se pode perder de vista que qualquer leitura só fará sentido para seu leitor, quando for capaz de proporcionar a ele o gesto de “levantar a cabeça”, um gesto tão simples e, ao mesmo tempo, tão complexo e necessário. Não interessa qual suporte confere maior ou menor atividade/interatividade com o leitor, mas sim aquele que consiga fazer com que o leitor levante sua cabeça durante sua leitura e, por conseguinte, efetue o autodiálogo, pois acreditamos que toda e qualquer leitura deve, no mínimo, fazer com que seu leitor seja capaz de fazer uma leitura de si mesmo e do mundo que o circunda. Enfim, toda leitura se dá no e pelo diálogo, um diálogo que conduz ao autodiálogo.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. Escrever a leitura. In.: *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- CARRIÈRE, JEAN-CLAUDE e ECO UMBERTO. *Não contem com o fim do livro*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- GUIDA, Angela. Literatura e espaço digital: diálogos poéticos. In.: *O eixo e a roda*. Revista brasileira de literatura, UFMG, Belo Horizonte, v. 28, n.2, 2011.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MAIA, Ana Paula. *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.
- RISÉRIO, Antônio. *Ensaio sobre o texto poético em contexto digital*. Salvador: Casa de Palavras, 1998.
- SANTAELLA, Lúcia. Os espaços líquidos da cibermédia (2005). Disponível em: [www.compos.com.br/e-compos](http://www.compos.com.br/e-compos). Acesso em: 02 mai 2012.
- SANTOS, Alckmar Luiz dos. Texto digital e reconfiguração do leitor. In.: *Revista Z Cultural*. Ano IV, Número 2, abr/jul 2008. Disponível em: <http://www.pacc.ufjf.br/z/ano4/2/alckmar.htm>
- \_\_\_\_\_. *O Saber Internético*. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/hiper/saber.html>. Acesso em 3 mar 2012.
- TORRES, Rui. *Amor de Clarice*. Disponível em: <http://telepoesis.net/amorclarice/amor.html>. Acesso em 24 jul 2011.

